

O Uso da Oralidade em um Curso de Graduação em Língua Inglesa em Petrolina - PE

Use of Orality in a Undergraduate Program in English Language in Petrolina - PE

Aliany Nayara da Silva^a; Adriana Soely André de Souza Melo^{b*}

^aUniversidade de Pernambuco, Curso de Licenciatura em Língua Inglesa e suas Literaturas, PE, Brasil

^bUniversidade de Pernambuco, PE, Brasil

*E-mail: adriana_s_1@hotmail.com

Resumo

O presente estudo objetivou compreender como a oralidade é utilizada em uma sala de um curso de formação de professores de Língua Inglesa. A pesquisa foi realizada período de fevereiro a junho de 2013 numa Universidade Pública Estadual. Buscou-se identificar o nível de contato dos alunos com a Língua Estrangeira e observar como a oralidade é trabalhada em sala de aula. Fundamentou-se nos seguintes teóricos: Bronckart, Marcurschi, Os Parâmetros Curriculares Nacionais, entre outros. Para tanto, foram aplicados questionários de cunho qualitativo, tendo como sujeitos da pesquisa três professores que ministram as aulas de língua inglesa e doze alunos. Espera-se que este estudo auxilie os alunos a pensar sobre a importância do domínio oral de língua inglesa e os professores na busca da inovação, a fim de desmistificar a oralidade em sala de aula, podendo assim formar sujeitos qualificados.

Palavras-chave: Língua Inglesa. Graduação. Oralidade.

Abstract

The present study aimed to understand how orality is used in a training course for English teachers. The survey period was performed from February to June 2013, in a State University. We sought to identify the level of contact of students with a foreign language, and observe how orality is crafted in the classroom. The following theory was followed up: Bronckart, Marcurschi, The National Curriculum Parameters, among others. For that, qualitative study questionnaires were applied to three professors who teach English classes, and twelve students. It is hoped that this study will assist students to think about the importance of oral mastery of English language, and teachers on the pursuit of innovation in order to demystify orality in the classroom, and thus form qualified individuals.

Keywords: English Language. Undergraduate. Orality.

1 Introdução

Desenvolver a fala em uma língua estrangeira – LE é muito importante em nossas vidas, uma vez que com o conhecimento de uma segunda língua, podemos nos comunicar com várias outras pessoas. Porém, não é somente saber escrever ou falar, é necessário saber dominá-la. Este é um ponto essencial e indispensável no ensino e aprendizagem de uma Língua Estrangeira.

A aprendizagem de uma LE exige certa desenvoltura. Isso ocorre na aprendizagem de qualquer língua, seja em cursos de línguas ou em um curso superior. Muitos alunos possuem a dificuldade e timidez de se expor falando outra língua, principalmente, se este aprendiz está sendo preparado para, futuramente, ensinar uma LE a outras pessoas. Com a conclusão da graduação e até mesmo no decorrer do curso, é exigido do aluno um domínio da língua que se está estudando, no caso, a Língua Inglesa.

Partindo desse pressuposto, este artigo teve como eixo temático, o uso da oralidade em um curso de graduação em Língua Inglesa na cidade de Petrolina – PE. O mesmo surgiu ao observar a dificuldade de muitos alunos em se expressar oralmente, o que é de suma importância para um bom domínio

de sala de aula. Outro fator relevante diz respeito ao domínio que o professor demonstra em relação ao conhecimento da língua. Sem dúvida, essa postura proporcionará mais confiança aos alunos. Diante dessa observação, surgiram, ainda, as seguintes indagações: qual a importância da oralidade em um curso de formação de professores? Como é trabalhada esta oralidade em sala de aula e como o professor desperta o interesse dos seus alunos?

Para buscar respostas a estas indagações, o presente estudo tem, como objetivo geral, compreender como a oralidade é utilizada em um curso de formação de professores de Língua Inglesa, mais especificamente, identificar o nível de contato dos alunos com a LE e observar como a oralidade é trabalhada em sala de aula. O presente estudo teve como ambiente de pesquisa uma Universidade Pública Estadual, realizada no período de fevereiro a junho de 2013.

2 Material e Métodos

2.1 Trajetória histórica do processo da comunicação oral

Quando surgiu a necessidade de uma comunicação verbal? Como essa habilidade linguística influenciou na evolução do mundo? Segundo Bronckart (1999, p.33):

As produções sonoras originais teriam sido motivadas por essa necessidade de acordo; no início, temporal e deitadamente associadas às intervenções sobre os objetos, teriam se constituído, para os congêneres, em pretensões concretas à designação dessas mesmas intervenções. Pretensões contestáveis e inevitavelmente contestadas pelos congêneres, que teriam associado outros sons a essas intervenções. A linguagem propriamente dita teria então emergido, sob o efeito de uma negociação prática (ou inconsciente) das pretensões à validade designativa das produções sonoras dos membros de um grupo envolvidos em uma mesma atividade. A linguagem então surgiu da necessidade que os homens pré-históricos tinham em se comunicar com o seu grupo, assim surgindo a primeira forma de comunicação.

Pode-se observar que a necessidade da comunicação existe desde o princípio da humanidade. Com o conhecimento de uma segunda língua, podemos nos comunicar não só com a nossa língua materna, mas, abranger tal conhecimento em outras línguas, podendo, assim, conhecer novas culturas.

O ensino da língua estrangeira vem tomando espaço nas escolas ao redor do mundo, passando por várias transformações ao decorrer do século XX, cuja modificação surge do aumento das relações internacionais e econômicas entre países no último século. Tendo em vista essas mudanças, fez-se necessário uma modificação no nível de aprendizagem no ensino das LE, principalmente a Língua Inglesa, que é uma língua universal, portanto de suma importância para as relações internacionais, pois “não é só um exercício intelectual de aprendizagem de formas estruturais [...], e sim, uma experiência de vida, pois amplia as possibilidades de se agir discursivamente no mundo” (BRASIL, 1997, p. 38). Ainda visando à construção do estudante, os PCNEM mostram que:

Nas práticas sociais, o homem cria a linguagem verbal, a fala. E com a linguagem, o homem reproduz e transforma espaços produtivos. A linguagem verbal é um sementeiro infinito de possibilidades de seleção e confrontos entre os agentes sociais coletivos. A linguagem verbal é um dos meios que o homem possui para representar, organizar e transformar de forma específica o pensamento (BRASIL, 1999, p.125-126).

Mostra-se que a linguagem oral é o meio mais utilizado pelo homem para interagir com o meio em que vive e abranger o seu conhecimento de mundo.

O ensino da língua inglesa como disciplina no currículo escolar brasileiro teve início em 1809. Dom João VI, que decretou a implantação do ensino de duas línguas estrangeiras, a inglesa e a francesa, visando as relações comerciais que Portugal mantinha com a Inglaterra e a França. No Brasil, o ensino oficial de línguas estrangeiras teve início em 1837, com a criação do Colégio Pedro II, segundo Chagas (1967 *apud* PAIVA, 2003):

As línguas modernas ocuparam então, e pela primeira vez, uma posição análoga à dos idiomas clássicos, se bem que ainda fosse muito clara a preferência que se votava ao latim. Entre aquelas figuravam o francês, o inglês e o alemão de estudo obrigatório, assim como o italiano, facultativo; e entre os últimos apareciam o latim e o grego, ambos obrigatórios.

Após a Revolução de 1930, quando foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública, foram destinadas, ao ensino de

francês e inglês, 17 horas semanais, 9 para o francês e 8 para o inglês, da primeira à quarta série.

Para regularização e padronização do ensino, foi criada a LDB – Lei das Diretrizes e Bases, que visa fixar normas gerais para a educação, sendo a primeira Lei de Diretrizes e Bases criada em 1961. Uma nova versão foi aprovada em 1971 e a terceira, ainda vigente no Brasil, foi sancionada em 1996. De acordo com a LDB, o ensino de LE é obrigatório, pois de acordo com a Constituição vigente (art. 205), é um direito de todos os cidadãos (BRASIL, 1996). Em 1997, foram criados os PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais, que funcionaram como referenciais para a renovação e reelaboração da proposta curricular da escola, são diretrizes separadas por disciplinas. Para os PCN, no ensino fundamental “somente uma pequena parcela da população tem a oportunidade de usar línguas estrangeiras como instrumento de comunicação oral, dentro ou fora do país” (BRASIL, 1997, p.20). É importante acrescentar que ao final de quatro anos do ensino fundamental, os PCN (BRASIL, 1998, p.66) expõem como alguns dos objetivos de ensino de uma língua estrangeira que os alunos tenham condições de

Identificar, no universo que o cerca, as línguas estrangeiras que cooperam nos sistemas de comunicação, percebendo-se como parte integrante de um mundo plurilíngue e compreendendo o papel hegemônico que algumas línguas desempenham em determinado momento histórico.

Utilizar outras habilidades comunicativas de modo a poder atuar em situações diversas.

Nos PCN do ensino médio, sugere-se que o ensino de línguas estrangeiras esteja focado no desenvolvimento da competência comunicativa, afirmando que

[...] o estudante precisa possuir um bom domínio da competência gramatical, sociolinguística, da competência discursiva e da competência estratégica. Esses constituem, ao nosso entender, os propósitos maiores do ensino de Línguas Estrangeiras no Ensino Médio (BRASIL, 1998, p.30).

Atualmente, o ensino de língua inglesa no Brasil é oferecido em contextos diversos: universidades, faculdades, escolas públicas e particulares de ensino fundamental e médio, escolas de idiomas e *Internet*.

2.2 A formação de professores de língua inglesa: da universidade para a sala de aula

Um dos elementos principais para se alcançar o resultado no ensino da LE é a formação dos professores de línguas (WALKER, 2003), uma vez que ele é o grande responsável pelo “encanto” ou “desencanto” de uma Língua Estrangeira em sala de aula. É este profissional que irá influenciar positiva ou negativamente na vida do aprendiz. Seguindo este propósito, Walker (2003) mostra que a “qualidade” dos cursos de Letras – português/inglês e do corpo discente varia muito entre as universidades brasileiras.

A deficiência nos cursos de formação de professores de LI tem início no momento das provas de ingresso nas universidades, onde não é cobrado um peso maior na LE, assim

o estudante ingressa em turmas totalmente heterogêneas, com estudantes de diferentes níveis de conhecimento da língua. Com esta condição, o graduando pode não alcançar os dotes propostas nas Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação em Letras (CES, 1984, p.29), como relata:

O graduando em Letras, tanto em língua materna quanto em língua estrangeira clássica ou moderna, nas modalidades de bacharelado e de licenciatura, deverá ser identificado por múltiplas competências e habilidades adquiridas durante sua formação acadêmica convencional, teórica e prática, ou fora dela.

O objetivo principal é formar profissionais completos na área educação, ou seja, com uma boa formação teórica e prática, com qualidades que a sociedade espera encontrar em um professor de LI. Ao final do curso de graduação, espera-se que o novo profissional tenha domínio nas 4 habilidades linguísticas exigidas em uma sala de aula: *reading, writing, listening e speaking*. Em princípio, considera-se como mais importante a habilidade “*speaking*”, pois um bom profissional de língua inglesa precisa saber usar o discurso oral.

A falta destas competências pode refletir diretamente no ensino da LI aos alunos, causando deficiência na qualidade de ensino, principalmente no que diz respeito à competência comunicativa. Sobre o assunto Nicholls (2001, p.74) comenta que:

A realidade do ensino de inglês nas escolas impede que o aluno adquira a competência satisfatória desejada. As amostras de inglês a que os alunos estão expostos no desenvolvimento de suas habilidades orais resumem-se geralmente à fala do professor na sala de aula, ao eventual material auditivo, como a fita cassete, o vídeo, o filme e a música e, embora inadequada, devido à condição de aprendizes, à fala de seus pares. Por isso, a questão do domínio das habilidades orais como resultado da aprendizagem na escola é bastante controversa.

Quando o professor tem um domínio oral da Língua Inglesa, ele passa confiança no que se fala, seus alunos irão aprender com uma maior convicção e aprazimento de que está sendo falado pelo educador.

Segundo Marcushi (2005, p.25), “A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais”. A fala é uma produção textual discursiva, portanto, não há necessidade de nenhuma tecnologia além do disponível pelo próprio ser humano. Para os Parâmetros Curriculares Nacionais:

Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente do que se é. Assim, o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente da escola constituir-se num ambiente que respeite a escolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade (BRASIL, 1997, p.49)

Neste ponto Conte, Villa e Wildgrube (2007, p.7) expõem que:

A habilidade de falar fluentemente não se pressupõe somente no conhecimento das características da língua, mas também na habilidade de processar a informação, ou seja, não basta ao aluno receber a informação, ele precisa saber o que fazer com ela. Como torna-la útil e significativa.

Para que o professor possa colocar em prática essas exigências, é necessário uma boa formação, mas não é somente formar professores, porém formar professores falantes da Língua Inglesa, podendo, assim, contribuir para a melhora do nível das escolas públicas ou privadas. Marcuschi (2001, p.36) salienta que:

A oralidade jamais desaparecerá sempre será, ao lado da escrita, o grande meio de expressão e de atividade comunicativa. A oralidade enquanto prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia. Ela sempre será a porta de nossa iniciação à racionalidade e fator de identidade social, regional, grupal dos indivíduos.

A construção do nível de ensino de um aluno é baseada na formação do educador, portanto, se há estímulo do professor para com o aluno, ele se torna motivado para buscar novos conhecimentos.

A oralidade é um instrumento necessário para desenvolver a conversação, entretanto, o aprendizado de línguas é um processo complexo, pois tenta demonstrar como os aprendizes identificam a aprendizagem de língua como fala e com a compreensão oral. A teoria do caos afirma que pequenas mudanças podem resultar em grandes diferenças e que existe uma ordem por detrás da aparente desordem.

2.3 Metodologia

A pesquisa teve caráter bibliográfico e de campo, tendo como ambiente de pesquisa uma Universidade Pública Estadual, realizada no período de fevereiro a junho de 2013. A universidade pesquisada foi fundada na década de 60, sendo que no ano de 1978 passou a ter cursos de Licenciatura Plena com oito períodos, promovendo também projetos de pesquisa e extensão. Oferece, atualmente, os cursos de Licenciatura em Português, Inglês, História, Geografia, Biologia e Matemática. Também são oferecidos cursos de Fisioterapia, Enfermagem, Nutrição e Pedagogia. Além dos cursos oferecidos, e para reforçar as atividades de oralidade desenvolvidas, no Curso de Letras-Língua Inglesa da Universidade, é desenvolvido o Projeto ETA/Fulbright/CAPES, aprovado para o ano de 2012 a 2014. Além disso, a Universidade possui falantes nativos norte-americanos no Curso para dar assistência aos professores e alunos.

Utilizou-se a pesquisa de base qualitativa, na qual o pesquisador tem um contato direto com o grupo ou indivíduo a ser estudado e, após a coleta, os dados são interpretados e não quantificados, tornando, assim, uma pesquisa mais detalhada e com certeza dos dados obtidos. Para Godoy (1995, p.58), a pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados.

Participaram da pesquisa três professores que ministram as aulas de língua inglesa e doze alunos, sendo quatro do terceiro, cinco do quinto e três do sétimo períodos. A escolha e o número dos sujeitos pesquisados deu-se por acreditar que seria uma quantidade suficiente para atender

aos objetivos da pesquisa. Para obtenção dos dados, foram aplicados questionários com perguntas fechadas e abertas com observação direta no campo, utilizando o mesmo instrumento para professores e alunos. O questionário foi elaborado com base nos objetivos desta pesquisa. Foram elaboradas dez questões simples, procurando não sobrecarregar o tempo do pesquisado, onde buscamos limitar somente a perguntas que condiz com o tema principal: Oralidade.

As aulas acontecem exclusivamente no período noturno e grande parte dos estudantes trabalha durante o dia e tem perfis socioeconômicos variados. A faixa etária dos alunos é bastante variada, sendo entre 18 a 50 anos; com idade média de 24 anos. Todos tem o português como língua materna e em sua maioria é composta por estudantes do sexo feminino.

Na análise de dados deste estudo, foram adotados os procedimentos da pesquisa qualitativa. Primeiramente, foi realizada uma leitura dos dados coletados, buscando categorizá-los através de conexões entre as opções marcadas por cada entrevistado. Os questionários abertos foram analisados da mesma forma, através de leitura, interpretação e comparação das respostas, pontos em comum e pontos divergentes.

3 Resultados e Discussão

3.1 Alunos

De acordo com os dados coletados, atestou-se que o princípio do contato dos alunos com a língua inglesa ocorre no decorrer do ensino fundamental. A LDB/96 assegura a obrigatoriedade do ensino da LE nessa fase. A partir daí, o estudante dará continuidade ao estudo da língua inglesa nos ensinos médio e superior ou buscando um curso de línguas para complementar este conhecimento.

Ao optar por estudar uma língua estrangeira a principal expectativa dos estudantes é “falar fluentemente”. Para tanto, faz-se necessário dedicação e disciplina para alcançar tal objetivo. Do grupo de alunos pesquisados (atualmente graduandos), apenas dois alunos (17%) buscam falar o essencial, enquanto que os demais buscam uma formação completa ao término da graduação. Nesse caso, é importante averiguar como o conhecimento pode intervir em seus objetivos, uma vez que o contato com a língua inglesa ocorre apenas no ensino fundamental e médio, onde o foco está nos elementos gramaticais mas não nos elementos linguísticos. Sobre este ponto (CONSOLO, 1992), aponta que “o elemento linguístico é demarcado, por uma abordagem estruturalista, na qual o foco é o aumento da competência gramatical e não da competência comunicativa.” O estudante acaba ingressando na universidade com pouca fluência oral, aumentando, assim, as expectativas ao decorrer da graduação, visto que, ao final espera-se que seja formado um profissional que tenha domínio sobre todas as competências linguísticas.

A heterogeneidade das salas mostra-se quando se é questionado sobre o nível de oralidade. A maioria (67%)

considera - se em um nível intermediário de oralidade, apenas um aluno julga-se iniciante, e três em um nível avançado. Curiosamente, dos três pesquisados, apenas um crê que esteja em um nível avançado de oralidade, mas possui uma dificuldade com a pronúncia, assim como outros seis entrevistados. Somente três apontam a timidez como dificuldade em interagir oralmente com outro, mostrando que ainda existe a crença de que devem produzir enunciados corretos ao falar, portanto, o aluno não colabora para o progresso de sua fluência oral, assim sentindo-se incapaz de aprender a língua. A deficiência está presente na rotina do aluno desde o princípio da aprendizagem da LI, no ensino fundamental. Complementando Nicholls (2001, p.74), “A realidade do ensino de inglês nas escolas impede que o aluno adquira a competência satisfatória desejada”.

A falta de envolvimento com a língua mostra-se quando se é questionado sobre a frequência com que se tem contato com a língua inglesa fora da sala de aula. Apenas quatro dos entrevistados (33%) sempre tem contato com a língua fora da sala de aula enquanto a outra parte (67%) respondeu que “às vezes”, possui essa comunicação com a língua estudada. Observa-se que o contexto de sala de aula tem de ser suficiente para o aprendizado da língua sobre o contexto de “contato com a língua estrangeira” Os PCN (BRASIL, 1997, p.65) relatam as dificuldades de alunos do ensino fundamental que se convertem para as dificuldades dos graduandos do curso de língua estrangeira. Tais Parâmetros mostram que:

[...] pode-se contar com apoio muito limitado para o desenvolvimento de habilidades linguísticas fora da escola, visto que, para a grande maioria da população escolar, a língua estrangeira está fora do contexto da interação familiar, sem possibilidades de contato com parceiros falantes da outra língua e sem nenhum contato internacional significativo (BRASIL, 1998, p.65).

Fora do contexto de sala de aula, o principal meio de contato com a língua inglesa é a TV, o rádio e a *Internet* (50%), mostrando que muitos dos alunos estão procurando conhecimento extraclasse e nove dos alunos entrevistados buscam os cursos de idiomas para abranger seus conhecimentos sobre a língua. Com isso, aumenta a multiplicação dos cursos de línguas, sendo esta a melhor alternativa para suprir as necessidades orais que os alunos não encontram dentro da graduação.

Com a análise executada até este ponto, pode-se constatar que a esperança dos futuros professores em relação ao conhecimento oral é bastante positiva. A “conversação” foi apontada como a atividade oral que mais contribui para o desenvolvimento da oralidade. Deste universo, apenas três dos pesquisados menciona a leitura como uma das atividades com oralidade que mais “agrada”. Registra-se, também, que (33%) dos entrevistados responderam que os professores “sempre” utilizam a oralidade em sala de aula, enquanto (67%) responderam que “às vezes” esse recurso é exposto em sala.

3.2 Professores

Contou-se com a contribuição e apoio de três professores que ministram as aulas de língua inglesa, entretanto, só foi possível analisar os dados de dois, dos três questionários aplicados, uma vez que não houve o retorno de um dos questionários. Para os professores, definiu-se um questionário com perguntas abertas, pois desse modo pode-se obter esclarecimentos acerca de algumas respostas do questionário, além de aprofundar alguns pontos específicos sobre as respostas.

A partir dos dados coletados, pode-se observar que as dificuldades com a pronúncia e a timidez que os alunos expõem em suas respostas, (58% dos alunos pesquisados apontam a pronúncia como a maior dificuldade com a oralidade 25% mencionam a timidez), os professores também mencionam a timidez e a pronúncia como maiores dificuldades detectadas nos alunos. Para contrastar com esses dados, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p.49) apontam que “Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo”, portanto o aluno confiante expõe sem receios suas ideias oralmente. Porém, apesar da timidez e da pronúncia, os professores analisam o desenvolvimento da compreensão oral dos alunos como satisfatório. Um dos professores mostra que: “A compreensão oral dos alunos poderia alcançar um nível melhor se houvesse, no mínimo, mais duas aulas semanais nas quais seriam exercitadas as habilidades necessárias a uma conversação mais fácil, confortável e fluente”. Neste ponto de vista, os PCN (BRASIL, 1998, p.20) expõem a mesma deficiência nas escolas de ensino regular: “[...] carga horária reduzida, [...] podem inviabilizar o ensino das quatro habilidades comunicativas”. O tempo de aula é um dos fatores que não cooperam com a formação linguística dos alunos.

Ao serem questionados sobre a preferência entre as quatro habilidades linguísticas (*reading, listening, writing e speaking*) nenhum dos professores destacou uma preferência, levando em conta a importância individual de cada uma das habilidades. No curso de graduação, o *speaking* ou a avaliação oral tem destaque na grade curricular no sétimo período em Conversação em Língua Inglesa I e no oitavo período com Conversação em Língua Inglesa II. Entre as habilidades linguísticas que os professores optam como melhor compreendida pelos alunos, é colocado o *reading*, justificando com: “*Sem duvida, reading, principalmente porque o professor usa o processo de listening and repeat.*”. Neste tipo de abordagem, o professor faz o uso da oralidade quando utiliza o “*repeat*”, pois o aluno repetindo o que está sendo ouvido ou fazendo uma “leitura em voz alta”, já pratica sua compreensão oral. Eis algumas tarefas de compreensão oral como exemplos:

Exemplo 1

Meta: ativar o vocabulário que será encontrado no texto a ser compreendido para trazer à tona o conhecimento de mundo facilitador da compreensão oral do texto.

Fase: pré-compreensão oral.

Atividade: listar itens lexicais relativos à temática do texto que será ouvido. [...] no exemplo 1, a primeira tarefa se baseia na relevância da ativação do conhecimento lexical que o aluno já tenha para ter acesso à temática do texto a ser ouvido (BRASIL, 1998, p.65).

Assim, apresenta que uma das formas de trabalhar a oralidade em sala de aula e com a aplicação de textos, é através do modo “*listening and repeat*”.

Por conseguinte, os professores apontaram como dificuldade em utilizar a oralidade em sala de aula, a homogeneidade das turmas, fato constatado com os alunos, na qual 50% dos alunos dizem ter pouca dificuldade com a oralidade, afrontando com 25% que dizem que possuem muita e 25% que não tem dificuldade com a oralidade. Neste ponto, o professor expôs que: “A dificuldade fica por conta da heterogeneidade das turmas, ou seja, ali acham-se professores e alunos com serias dificuldades para acompanhar o curso” para solucionar este problema o professor mostra que: “O professor tem que planejar e ministrar suas aulas com meios a atingir a todos, fato que, de alguma forma, prejudica a oralidade ideal”. Essa mesma dificuldade exposta pelo professor também acontece no ensino fundamental, como mostra os PCN:

A demanda de conhecimento de língua estrangeira na sociedade de hoje, coloca para o professor o desafio de partir da heterogeneidade de experiências e interesses dos alunos para organizar formas de desenvolver o trabalho escolar de maneira a incorporar seus diferentes níveis de conhecimento e ampliar as oportunidades de acesso a ele (BRASIL, 1998, p. 54).

Esta heterogeneidade se posta como um empecilho tanto para o acompanhamento do aluno para com os demais, assim como o professor possui o desafio de planejar uma aula que alcance todos os níveis de compreensão oral da turma, em um nível avançado ou não. Ao ser perguntado sobre como despertar o interesse dos alunos para falar a língua inglesa, o professor expôs a seguinte concepção:

O professor tem a obrigação de tornar o aluno ciente da importância do Inglês em todas as áreas do conhecimento humano, aí incluindo a tecnologia moderna desses tempos globais. Entretanto, é necessário dizer que o real interesse está no próprio aluno. É ele que deve estar convicto de que aprender inglês é o que ele realmente busca.

Mostrando assim que o essencial para o aluno adquirir uma agradável dicção oral é necessário, primeiramente, um interesse pessoal em aprender uma nova língua, podendo buscar uma graduação completa e, posteriormente, corresponder às expectativas que a sociedade almeja em um professor de língua inglesa, como evidenciam as Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação em Letras:

O graduando em Letras, tanto em língua materna quanto em língua estrangeira clássica ou moderna, nas modalidades de bacharelado e de licenciatura, deverá ser identificado por múltiplas competências e habilidades adquiridas durante sua formação acadêmica convencional, teórica e prática, ou fora dela (BRASIL, 1984, p.29).

Diante dos dados coletados, pode-se observar que as deficiências orais constatadas pelos professores acerca dos alunos são as mesmas que os alunos admitem possuir. Outra importante descoberta foi que a heterogeneidade das turmas dificulta tanto o trabalho do professor quanto o desenvolvimento dos alunos com dificuldades.

4 Conclusão

A presente pesquisa foi motivada após observar, durante o curso de graduação, a dificuldade de alguns alunos de se expressar oralmente, o que leva à desistência do curso por não atingir o propósito desejado. Observa-se que essa dificuldade é vivenciada tanto pelo graduando quanto pela universidade; o primeiro, porque sente medo de não conseguir falar fluentemente o novo idioma e o segundo, cujo objetivo é formar profissionais completos, com domínio das quatro habilidades linguísticas exigidas no mundo do trabalho, fica o desafio de enfrentar os percalços pertinentes.

Com este estudo foi possível investigar que, em todos os ciclos da graduação, os alunos têm contato com a oralidade. E, sendo clara a heterogeneidade das turmas, esta diversidade é mantida até a conclusão da graduação, ou seja, muitos que tinham dificuldade no início do curso não chegam ao final com o nível de oralidade almejado no ingresso na universidade.

Quando a oralidade é trabalhada de forma individualizada somente ao final da graduação, no decorrer do curso os professores fazem o uso do método “*listening and repeat*”, onde o aprendiz repete o que se é ouvido, ou ler textos em voz alta.

Para despertar o interesse dos alunos em aprender e falar a língua inglesa, os professores deverão mostrar a importância da LI nas áreas de conhecimento, sejam elas humanas ou tecnológicas.

Com esta pesquisa, pode-se observar também que todas as habilidades linguísticas são importantes na formação de professores, e que professor que demonstra domínio na língua ministrada proporciona certa confiança aos alunos.

Ainda há muito a ser pesquisado nesta área de oralidade nos cursos superiores, cujo intuito é saber se realmente ao final da graduação são formados profissionais completos, com o domínio de todas as habilidades linguísticas. Sem a

pretensão de esgotar o assunto, espera-se que este estudo auxilie alunos a pensar sobre a importância do domínio oral na língua inglesa e a professores na busca da inovação e desmistificar a oralidade em sala de aula, podendo assim formar grandes profissionais.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. Lei Nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação e Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC, 1999.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.
- BRONCKART, J.P. *Atividade de linguagem, texto e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.
- CES - Conselho Nacional de Educação. Parecer n.492, de 3 de abril de 1984. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Brasília, 3 abr. 1984, p.29.
- CONSOLO, D.A. O livro didático e a geração de insumo na aula de língua estrangeira. *Trabalhos de Linguística Aplicada*, n.20, p.37-47, 1992.
- CONTE, G.; VILLA, L.; WILDGRUBE, R. *A arte de ensinar com criatividade*. 2007. Disponível em: www.pesquisa.uncnet.br/pdf/ensinoFundamental/ARTE_ENSINAR_CRIATIVIDADE.pdf. Acesso em: 18 maio 2013.
- GODOY, A.S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *RAE*, v.35, n.2, p.57-63, 1995.
- MARCUSCHI, L.A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- NICHOLLS, S.M. *Aspectos pedagógicos e metodológicos do ensino de inglês*. Maceió: EdUFAL, 2001.
- PAIVA, V.L.M.O. ALDB e a legislação vigente sobre o ensino e a formação de professor de língua inglesa. In: STEVENS, C.M.T.; CUNHA, M.J. *Caminhos e colheitas: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil*. Brasília: UnB, 2003.
- RICHARDSON, R.J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1989.
- WALKER, S. Uma visão geral do ensino de inglês no Brasil. In: STEVENS, C.; CUNHA, M.J.C. (Org.). *Caminhos e colheitas no ensino de inglês no Brasil*. Brasília: UnB, 2003.